

# V!RUS

Revista do Nomads.usp  
Nomads.usp Journal  
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: HÄGER, B. Frappant Altona: uma contribuição ao desenvolvimento urbano. Tradução Marcelo Tramontano. **VIRUS**, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=3&item=Y&lang=pt>>. Acesso em: dd mm aa.

## **Frappant Altona: uma contribuição ao desenvolvimento urbano**

Benjamin Häger

Benjamin Häger participa da diretoria executiva da associação Frappant. Estuda Planejamento Urbano em Hafencity, Universidade de Hamburgo, Alemanha.

Hamburgo, na Alemanha, sempre foi uma cidade portuária socialmente bipolar, de ricos armadores navais e pobres trabalhadores das docas, tradição empresarial elitista e cenário alternativo de protesto. Essa identidade dual é parte da auto-imagem da sociedade hanseática. Em Hamburgo, classe alta e classe baixa vivem, tradicionalmente, em mundos paralelos: a primeira, em mansões burguesas urbanas e, a segunda, em densos blocos habitacionais de trabalhadores de colarinho azul. Entre estes, nuances de miríades de ambientes de classe média. Enquanto as vizinhanças mistas habitualmente interagem, os pólos sociais entram em contato apenas ocasionalmente. Porém, em conclusão, todos os grupos sociais constantemente exibem suas diferenças uns aos outros. Dessa maneira, eles delinham suas características particulares – e sua interdependência; eles precisam uns dos outros, de certa forma. E, finalmente, todos os aspectos sociais, no geral, produzem a qualidade específica de Hamburgo.

Atualmente, Hamburgo esforça-se para evoluir de uma capital portuária exemplar para uma metrópole em desenvolvimento sustentável. Condições promissoras para a declaração da missão de Hamburgo, "crescimento com previdência", estão dadas: sua economia já está bem diversificada e marcada por um crescente setor terciário; as oportunidades educacionais são amplas e a qualidade de vida é alta; Hamburgo é rica e está entre as poucas cidades em crescimento na Alemanha. A fim de garantir um desenvolvimento positivo, em Hamburgo, políticos não permitem o desenvolvimento, eles tentam assegurá-lo. Desse modo, a cidade se concentra em atrair trabalhadores qualificados em idade ativa. Por exemplo, eles embelezam locais turísticos e constroem muitas habitações para esses residentes rentáveis: ao lado de novas áreas residenciais destinadas a famílias nos subúrbios, a área central da cidade de Hamburgo deve ser adensada e fortalecida sistematicamente – em grande parte aos custos das pessoas mais pobres.

No curso do desenvolvimento da área central, as áreas residenciais originais de trabalhadores se tornam mais e mais gentrificadas. Intimamente relacionada à melhoria de construções e dos ambientes habitáveis está uma transformação da constituição social, uma mudança dos moradores. A categoria urbana imanente "diferença" modifica: a disparidade social migra de uma segregação em larga escala para uma coexistência mista na escala menor. A nova diversidade do bairro que daí decorre é caracterizada pelo dinamismo cultural e uma alta densidade de várias interações e inovações. Portanto, o local muitas vezes surge como um "criativo e positivista *melting pot*" (Kees Christiaanse, entrevistado por VAN DEN BERGEN, M., VOLLAARD, P., 2009) com condições econômicas melhoradas. Essas interessantes facetas do desenvolvimento urbano são acompanhadas por aspectos críticos, tais como mudanças forçadas e repressão social, isto é, segregação espacial causada por um aumento dos aluguéis. São infelizes conseqüências: padronização cívica, esgotamento cultural e redução da solidariedade. Esta última ocorre quando a gentrificação excede sua fase inicial e a "auto-destruição da diversidade" (JACOBS, J., 1992, p.241) se estabelece. Então, as oportunidades e a tolerância normalmente desaparecem e, finalmente, a inovação cultural baseada na diversidade se desacelera novamente.

Apesar de suas desvantagens, freqüentemente todo o processo de gentrificação é politicamente planejado. Em Hamburgo, há inúmeros bairros designados para receberem melhorias e não é preciso ser um teórico de conspirações para perceber que, nessas áreas, não apenas um desenvolvimento anti-social é tolerado, mas também uma troca de população é estimulada a fim de impulsionar o potencial financeiro do bairro. Deste modo, políticos fornecem vários projetos de construção, por exemplo, ou tentam atrair artistas para áreas negligenciadas do centro da cidade; seus talentos para valorizar refugos ou ativar áreas inativas podem ser usados para iniciar um progresso local.

Ultimamente, especialmente nos dois últimos anos, um protesto multifacetado contra a política e o desenvolvimento urbano de Hamburgo cresceu rapidamente e ampliou-se em um movimento chamado "Direito à Cidade". O povo acusou os executivos de agirem anti-

socialmente e de maneira míope. Criticou-se o aumento do custo de vida, isto é, a falta de apartamentos e locais de trabalho a preços acessíveis, a instrumentalização de artistas como gentrificadores, o desaparecimento de nichos culturais, a privatização de espaços e organizações, etc.. O fato crucial é que, não apenas a esquerda política ou o meio progressivo da arte mas também a parcela central da sociedade local compartilha essas críticas complexas. Todos os tipos de pessoas unem-se ao protesto com atividades de moderadas a radicais: há debates vigorosos, incontáveis ações de arte, várias manifestações de rua, ocupação de prédios e, até mesmo, incêndio de carros. Um ponto focal nesse movimento de protesto é um centro comercial abandonado chamado Frappant, no bairro de Altona. No intuito de entender como isso se tornou uma questão política, temos que lançar um olhar sobre o passado.

Após a Segunda Guerra Mundial, uma parte central de Altona foi completamente reconstruída com pequenos blocos e linhas contínuas de casas. Ao longo da rua central, a Grosse Bergstrasse, uma porção do bairro antiga e coerente foi demolida visando gerar um novo centro comercial para o oeste de Hamburgo. Um tecido de pequena escala que havia evoluído organicamente, com um ambiente animado e diferentes negócios, foi completamente substituído por grandes edifícios híbridos otimizados para escritórios, comércio e habitações padronizadas. Na época, nos anos 1960, planejamento urbano significava o planejamento total e a crença na capacidade de se regular tudo. Assim, o futuro de Altona deveria ser controlado e não deixado a seus próprios mecanismos. Daí em diante, seu destino dependia de conceitos de planejamento e viu-se estreitamente ligado ao sucesso ou fracasso do centro comercial – e menos ao seu potencial sócio-cultural.

No princípio, de 1950 ao início da década de 1970, a área recentemente reconstruída foi próspera e popular: a área residencial com seus apartamentos modernos e confortáveis estava localizada no centro e conectada ao transporte público local e nacional. Na vizinhança, havia vários tipos de infra-estrutura social e muita área verde. Mas o benefício mais importante foi a proximidade com a zona de pedestres da Grosse Bergstrasse e com o edifício "tudo-em-um", o Frappant: com seu quase completo oferecimento – 30 lojas, seis bares e restaurantes, uma discoteca, várias instalações de lazer, cinco andares de escritórios governamentais e dois pavimentos de estacionamento – ele atendia a quase todas as necessidades locais e oferecia uma experiência de compras prática. Como resultado, essa moderna construção híbrida destinava-se a ser o eixo local da vida quotidiana e o fiador de uma área comercial de sucesso.

Mas logo o bairro perdeu sua atração. Por um lado, a fascinação pela estrutura moderna de concreto, com seu conceito de comprar em um único lugar, regrediu: a modernidade inovadora e o conforto padronizado eliminaram a desejada peculiaridade de um bairro diversificado, chocando-se com conseqüências urbanas difíceis, como o surgimento de *homeless* ou diferentes tipos de protesto. Conseqüentemente, no final dos anos 1970, as primeiras lojas em Grosse Bergstrasse mudaram de donos ou ficaram temporariamente vagas. Por outro lado, a área residencial perdeu o brilho: os apartamentos do pós-guerra tornaram-se pequenos demais para as necessidades habituais e qualidade do entorno caiu. Mais e mais habitantes

incomodavam-se com a falta de uma urbanidade aceitável. Muitas pessoas, que podiam pagar, mudaram-se para áreas mais interessantes e atraentes. Principalmente proprietários dos apartamentos e habitantes antigos ou pobres, ou seja, pessoas com pouca mobilidade, ficaram no bairro, enquanto outros, entre pessoas normais e socialmente desfavorecidas – por exemplo, migrantes, famílias pequenas, estudantes e beneficiários da previdência social – mudaram-se para a para o local.

Hoje, o desemprego na área é aproximadamente duas vezes maior do que a média da cidade, um a cada cinco apartamentos é uma habitação social, uma a cada três pessoas tem um antecedente de migração, uma alta porcentagem de lojas é usada para lojas populares, algumas abandonadas. Apesar de tudo, a área residencial é habitada sem grandes conflitos e a Grosse Bergstrasse é um centro vivo e multiforme de atividades sociais e comerciais – simplesmente em um outro nível, como queria ser. Entretanto, investidores e políticos se deram conta de que as promessas do novo tecido urbano não se não se cumpriram e de que a rua comercial não corresponde a um centro de alto nível para o oeste de Hamburgo. Assim, os primeiros interrompem seus investimentos, e os segundos fazem esforços desesperados para aprimorar a área: *ateliers* públicos, *marketing* de empresas, concepções de livre espaço, reorganização do tráfego. Finalmente, após as medidas rasas não terem atendido às expectativas dos políticos, a municipalidade declara Grosse Bergstrasse como área de redensolvimento urbano, a fim de aumentar seu orçamento e capacidade de ações. No âmbito da análise e concepção, enquetes irrefletidas e criticáveis concentraram-se nos aspectos financeiro e visual: elas indicavam um poder de compra muito pequeno e recomendavam melhorar os valores da operação e reconstruir um ambicioso centro comercial como um ímã para os clientes. Em conclusão, a maior empresa de mobiliário do mundo, a firma sueca Ikea, foi convencida a substituir o vazio Frappant com uma enorme loja nova. Mas antes da demolição já programada e de novos planos de construção serem realizados, o processo deu uma volta inesperada: o edifício tornou-se um ponto focal no movimento "Direito à Cidade", uma questão política – porque o Frappant não estava mais vazio!

Em Abril de 2009, um grupo de pessoas criativas mudou-se para a *megastore* abandonada e fundou uma associação incorporada para arte e o bem-estar comum. Eles se auto-nomearam conforme o edifício: "Frappant" (que significa "impressionante" em alemão). A maioria deles vivia em Altona, muitos até mesmo já haviam trabalhado na Grosse Bergstrasse. Eles alugaram dois andares superiores das antigas dependências do governo e os transformaram em *ateliers* e escritórios, respectivamente. Além disso, organizaram *showrooms* para apresentar sua arte e encontrar-se com amigos e pessoas curiosas. Logo, outros artistas se uniram à sociedade Frappant e o grupo ampliou-se para até 140 pessoas. Todas elas estavam procurando por um espaço de trabalho com preço acessível – mas, fora isso, diferenciavam-se em idade, estado civil, residência, profissão, capacidades, caráter, atitude política, etc.. Assim, a criativa comunidade tornou-se diversificada e obteve publicidade e impacto – e com isso as atividades e o espaço necessário aumentaram. Às vezes, o grupo utilizava ilegalmente quase o

edifício inteiro para grandes eventos com milhares de convidados. Vagarosamente mas seguramente, mais e mais visitantes vinham participar de debates públicos, manifestações, paradas, festas, bazares no dia das crianças, ou ver pinturas, esculturas, moda, fotos, filmes, produções sonoras, apresentações musicais, *design* industrial e de mobiliário, arquitetura, e para testemunhar várias *performances*, *happenings* e apresentações. Em suma, o antigo, abandonado e cinzento edifício tornou-se um centro colorido para cultura, um catalisador de interações sociais, um conector de opiniões e de protestos.

As atividades variavam do entretenimento à crítica ao sistema. Especialmente a última refletiu-se na filosofia do grupo<sup>1</sup>. Fundada na Grosse Bergstrasse, a associação estava envolvida na melhoria de Altona, mas ao contrário, o grupo não estava interessado no consumo *mainstream* ou da cultura estabelecida. Antes, os membros do Frappant são fascinados por terras abandonadas e esquecidas pela economia como meio de cultura de sua utopia: um auto-determinado centro para produção cultural e discussão crítica contínua. Como artistas, eles tratam da contínua separação da sociedade e tentam mediar em meio a disparidades. Assim, associações como o Frappant são usadas para preencher algumas lacunas em planejamento urbano e políticas culturais, por exemplo, organizando sessões de informação sobre desenvolvimento do bairro e auxiliando artistas com infra-estrutura cultural, respectivamente. Com o intuito de organizar com êxito uma comuna de arte coletiva e apoiar a afirmação da subcultura, as diferentes organizações participam umas com as outras. A casa de arte, como uma comuna coletiva, espelha a idéia de colaboração multifacetada com efeitos de sinergia interdisciplinar. Especialmente, as trocas entre *free lancers* novatos e experientes cria uma rede eficaz e oferece um grande apoio aos fundadores de novos negócios ou estudantes recém-graduados. Sinergicamente, o grupo convida não apenas os vizinhos a visitar exposições e eventos, mas também artistas sem galeria para mostrar sua arte. Ao fazê-lo, o trabalho em desenvolvimento do Frappant é instrutivamente apresentado, enquanto *inputs* externos constituem um fluxo constante para o interior.

Em consequência, alguns da associação, especialmente planejadores urbanos e arquitetos, desenvolveram um conceito de reutilização alternativamente à estratégia governamental. O grupo quis preservar a estrutura original do edifício Frappant com o objetivo de criar um espaço público – aberto a diferentes atitudes e pessoas. Eles imaginaram um centro de encontros coletivo para cultura e interações sociais, ideias e experimentos, que não se pauta, em princípio, por requisitos mercadológicos. Usando os diferentes tipos de salas, o Frappant deveria ser desenhado como um edifício multifuncional para cultura, entretenimento, recreação, instalações sociais, compras, trabalho e vivência. Uma estratégia de cinco etapas para financiar o conceito baseou-se na avaliação de um crítico independente. Além do mais, o

---

<sup>1</sup> “Em vez da sofisticada atitude contra a corrente da cena artística convencional, nós produzimos arte com uma grosseria não-elitista. Nós cuspiamos nas paredes e as lavamos no dia seguinte. Nossas paredes produzem pátina a partir da rápida mudança de exposições. Nós confrontamos a seleção do mercado de capitais e a ignorância de patrocinadores em potencial com uma rica e infinita variedade de ideias, improvisações e convites.” (Trecho retirado da filosofia da associação; [www.frappant.org](http://www.frappant.org))

financiamento público foi indispensável para a realização inicial, mas planejado para ser minimizado durante o processo de consolidação. Finalmente, a associação deveria gerenciar a manutenção completa do edifício por si mesma, por exemplo, sub-arrendando áreas atrativas para comerciantes e serviços comunitários. Por um lado, o edifício reusado seria uma lembrança do passado de Altona e um símbolo para uma reciclagem engenhosa de importantes formas urbanas sem uso. Por outro lado, o Frappant provou a potencialidade de um modelo de cidade aberta, onde tolerância, solidariedade, reflexão intelectual e interações sociais são vivenciadas.

Mas não deveria ser. Depois de vários procedimentos com o governo e o público, o proprietário estipulou um preço de venda maior que o preço estimado real, o qual Ikea estava até disposta a pagar. Desse dia em diante, o grupo de artistas estava sob aviso de despejo. Durante o tempo da ameaça de expulsão, surgiram um debate político extraordinário e uma sensibilização pública com atenção nacional. Na agenda diária havia audiências governamentais, artigos de jornais e comentários de apoiadores famosos. No contexto do movimento de protesto, o Frappant tornou-se um ponto focal para os controversos debates sócio-culturais em Hamburgo. Moradores locais e grande parte da publicidade da cidade dividiram-se entre adeptos e oponentes. Finalmente, a corte de políticos e investidores veio com um referendo questionável: habitantes de Altona votaram por Ikea, pela padronização de suas próprias residências privadas e do ambiente público. Nesse caso, a famosa citação de Hermann Muthesius sobre o aperfeiçoamento da produção e teoria do *design*, “Das almofadas do sofá ao desenho urbano”, ganha, ironicamente, um significado totalmente diferente. Ao grupo Frappant foi oferecido um edifício alternativo, antigos quartéis com arquitetura do século XIX, em uma área calma residencial de Altona. Longe dos acontecimentos dinâmicos e dos holofotes públicos, os artistas fazem cultura mais do que política a fim de influenciar o futuro de seu bairro. Mas lá, em Grosse Bergstrasse, o Frappant faz falta enquanto tela de projeção de diferentes desejos e figura de proa para protestos diversos. É mais provável que a diversidade produtiva comprimida de sua localização anterior, uma situação benéfica para muitos moradores locais, desapareça e persista apenas ou, antes, esperançosamente na casa do artista.

Muitos teóricos, como Georg Simmel, Henry Lefebvre, Jane Jacobs ou Kees Christiaanse para citar alguns, referem-se à diversidade comprimida como uma característica inerente à urbanidade. De acordo com estes autores, a diferença é a cultura do urbanismo, o estimulador do progresso social e o motor da modificação urbana – e uma cidade sempre se altera: constantemente seus habitantes, bens, qualidades se mudam ou variam, e com eles a constelação de cada um. Uma cidade é um sistema dialético no qual a diferença revela características locais, conflitos e capacidades. Se alguém tenta nivelar todas as disparidades ou resistir à onipresente modificação urbana, ele age anti-progressivamente – e provavelmente irá fracassar. Mas isso não significa deixar o *laissez-faire* ou o liberalismo regularem tudo! Apenas se nós entendermos e tolerarmos a coexistência de diferenças, se nós

cultivarmos a diversidade e estimularmos desenvolvimentos positivos, isto é, os utilizarmos para o bem comum, nós podemos admitir a heterogeneidade da sociedade e produzir inovações em um modo justo e sustentável.

Ainda que a associação tenha tido que deixar o edifício Frappant e não tenha podido evitar o processo de gentrificação em Altona, as atividades dos artistas foram uma importante contribuição ao desenvolvimento urbano: o grupo de pessoas criativas naquele edifício especial foi em si uma diferença para o bairro. O Frappant foi um objeto inspirador e instrutivo em relação ao seu entorno. O grupo escolheu a modificação social e o esgotamento cultural como tema central para a agenda urbana. Suas atividades catalisaram um processo rico e único e aceleraram debates políticos necessários. Além disso, as experiências da associação provam que momentos de coexistência cultural podem ser percebidos muito mais conscientemente e usados produtivamente. Por exemplo, deveria ser possível estabilizar o momento certamente instável da fase de pré-gentrificação visando fortalecer a criatividade e o potencial inovador do bairro.

Como resultado, a cidade inteira poderia amortecer intercâmbios perigosos entre os habitantes, enriquecer sua paisagem cultural e atrair empregados qualificados ao estimular os objetos adequados e realizando um balanço vantajoso. Hamburgo poderia, assim, assegurar um desenvolvimento urbano positivo sem negar seu caráter multifacetado – se a cidade tolerasse suas diferentes populações.

## Referências

JACOBS, J. **The Death and Life of Great American Cities**, 1992, Vintage Books, New York.

VAN DEN BERGEN, M., VOLLAARD, P. **Open City: Designing Coexistence: a conversation with Kees Christiaanse**. In: **Archined**, 6 de julho de 2009. Disponível em:  
[www.archined.nl/en/interviews/2009/opencitydesigningcoexistence/](http://www.archined.nl/en/interviews/2009/opencitydesigningcoexistence/)

[www.frappant.org](http://www.frappant.org)